



SEMANARIO HUMORISTICO ILLUSTRADO
REDACTOR, BRAZ DE PAIVA

I.º ANNO

PORTO, 9 DE DEZEMBRO DE 1883

NUM. 44

JOÃO D'ANDRADE CORVO

E' um dos homens mais illustres, um dos melhores sustentáculos do partido regenerador que o considera como um dos seus campeões mais esforçados, um dos seus capitães mais ousados, um dos caracteres mais activos entre tantos que conta no seu numeroso gremio.

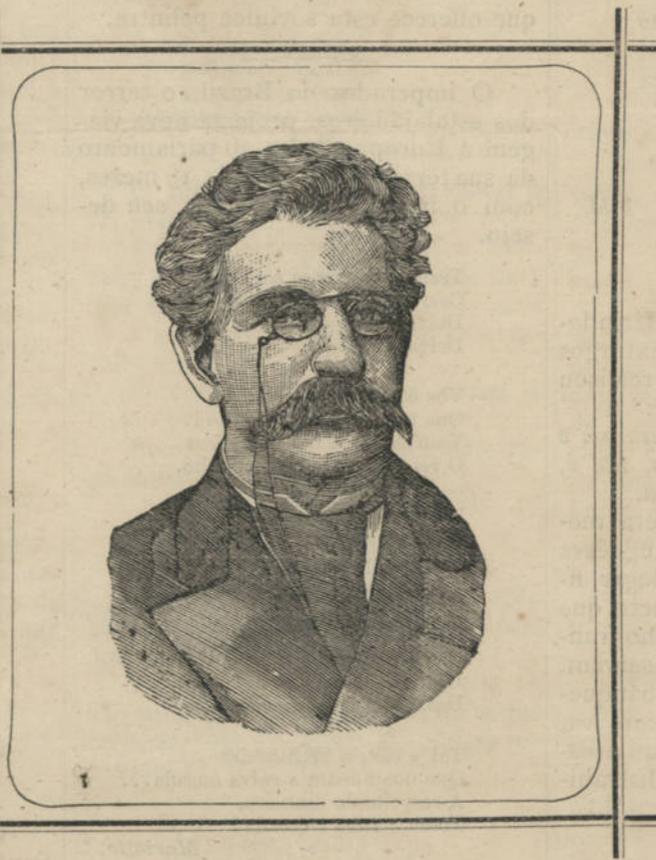
João d'Andrade Corvo elevou-se á alta posição que hoje occupa sem o socorro alheio, sem as protecções humilhantes dispensadas a um homem no principio da sua carreira com uma generosidade illimitada, para mais tarde se converterem em grilhões pesadissimos, que se não podem quebrar sem que nos destroços vá grande parte da dignidade propria.

Deve tudo á sua limpida intelligencia que os cabellos brancos não enregellaram e ao seu genio ardente, infatigavel, avido de perigos e admiravel de arrojo.

Nunca por elle passaram os descuidos d'uma infancia irrequieta. Deve-lhe ter apparecido muito cedo a primeira rúga a avaliar pela avidéz com que se entregou ao estudo desde os primeiros annos em que o espirito, longe de pedir a concentração, a tarefa pesada da leitura lenta, reclama as vastas planicies do ideal onde as visões perpassam como os sonhos deliciosos pela imaginação dolente d'um fumador d'opio que desperta d'um lethargo para cahir logo n'outro, até que a alma en-

ferma abandone o corpo que o veneno prostrou.

Andrade Corvo seguiu a carreira da engenharia militar e com tal distincção que aos vinte annos já a sua palavra eloquente e persuasiva se erguia d'uma das cadeiras de professor da escola polytechnica de Lisboa.



Essa ganhou-a elle n'um magnifico concurso em sciencias naturaes, em que se apresentou com a confiança que o estudo aturadissimo d'uma materia inspira.

A reputação de engenheiro distincto que gosava Andrade Corvo era porém pouco para elle. Nem o seu espirito se deu por satisfeito na

lata esphera dos conhecimentos já adquiridos. E foi assim que Andrade Corvo foi cursar a escola-medico tomando logar nas bancadas geraes, como o mais obscuro e humilde dos estudantes. Os condiscipulos admiravam-n'o; os mestres orgulhavam-se de o apontar como uma d'essas cabeças priveligiadas d'onde o talento irradia, similhando a chamma d'um luseiro naquebrada d'uma serra envolta em trevas.

Aos cursos de medico e engenheiro juntou mais o de agronomo e naturalista, mas, nem assim, tão robusto espirito cedeu ao cansaço, nem moderou os seus ardores impetuosos, irresistiveis. De repente surgiu Andrade Corvo escriptor de cunho, vernaculo, um prosador brilhante, cujo estylo diamantino se destacou no tumultuoso fluctuar da litteratura. Enriqueceu as letras patrias com as seguintes joias: — *Um anno na corte, Nem tudo o que luz é ouro, D. Maria Telles, Um conto ao serão, O astrologo e O alliciador*; e quando tão esclarecida intelligencia honrava a litteratura portugueza com taes primores, sobremem a

politica e na sua onda impetuosa o arrastou mais, fazendo d'elle um estadista, mas produsindo com tal falta um grande vacuo na pleiade illustre dos combatentes da penna.

O diploma de deputado recebeu-o pela primeira vez Andrade Corvo em 1856. E dado este primeiro passo, facil foi para esse homem priveligiado

a ascensão ás honrarias onde em Portugal é dado chegar. Tem sido por vezes ministro e embaixador é actualmente.

Esta nossa homenagem importa só um tributo de respeito, mais ao litterato illustre que ao estadista consummado, e é tanto mais sincera, quanto é certo que sobre ella pesa a humildade do nosso nome e a fraqueza do nosso braço, além da certeza de que estas linhas jámais serão lidas pela pessoa a quem as endereçamos.

Nem tal é a nossa presumpção.

B. P.



Diz a Granja, e eu acredito,
Basta ser ella quem é,
Que é preciso ter apito
Se o Fonte faz fincepé

Nas cadeiras do governo
E não entrega o penacho.
Eu acho.

Depois a granja acrescenta
Ter-lhe dito um deputado
Irado,
Que o Fontes de balde intenta
Salvar o velho partido,
Que entrou no passo de chouto
E parece ter cahido
Em sujo cano de esgoto.

Eu creio no que ella disse,
Tal é a fé com que affirmou.
Quem sabe? talvez cahisse
No cano que ella deixou!

Bibi.



Um collega lisbonense referindo-se a um banquete de dramaturgos portuguezes que ha dias se realisou em Lisboa, descreve-o assim:

Comeram, beberam, cavaquearam e resolveram continuar na mesma, isto é, sopa, muita sopa e arte nenhuma.

E termina dizendo que era melhor que os dramaturgos portuguezes em vez de beberricar champagne fizessem um acto, apenas um acto, que desenojasse o publico do môlho francez, que continuamente lhe servem.

Esta saudação no fim d'um banquete, correspondê a receber o conviva, sobre a cabeça, uma travessa de esparregado que um servente distrahi-do deixou fugir das mãos.

Apareceu ultimamente no Brazil mais uma maravilha. E' um velho africano que conta a bagatella de 285 annos, dizem seriamente alguns jornaes da terra das bananeiras.

Provavelmente este Mathusalem vem dentro d'uma... bota dar o seu passeio á Europa.

O nosso collega *Correio da noite* baptisa o seu artigo editorial de quinta-feira passada com este edificantissimo titulo: — *A batota*.

E' escusado dizer que esse artigo é uma immensa catalinaria á regeneração, facto este que inutilisa completamente o effeito dos longos periodos amontoados pelo auctor, resultado que se não daria quando o artigo em vez de vir intitulado *A batota*, trouxesse esta denominação—*Louça da casa*.

Assim despertava a vontade de lêr. Sempre era uma confissão!...

Um periodico diz que está gravemente doente um sujeito importante de Villar de Maçada.

Que duvida! Quem mora em tal sitio, por força ha de estar *massado*!

Os empregados aduaneiros do imperio moscovita exigiram o pagamento pelos direitos das flores e das corôas que encobriam o caixão do escriptor Ivan Tourgueneff, quando tão tristes despojos chegaram á terra dos czares.

Uma bandada de corvos, é a idéa que offerece esta sovinice pelintra.

O imperador do Brazil, o terror dos estalajadeiros, projecta nova viagem á Europa. Pediu ao parlamento da sua terra uma licença de 18 mezes, com o intuito de realisar o seu desejo.

Trancai as portas sombrias,
Correi prestes os ferrolhos,
Deixai as copas vasiaas,
Deixai-vos de fazer molhos,

Vós ó nobres hospedeiros
Que tendes casas de vulto!
Vem da terra dos coqueiros
O rei mais leve e mais culto.

Trajando calça de ganga,
Mala sinistra na mão,
Por qualquer coisa se zanga,
Por um nada ferra o cão!

Elle não corre; devora
Como uma setta o espaço!
Um rei que não se demora,
Um velho com pernas d'aço.

Tal é elle, o aventureiro
Que nos mostra a calva ousada...
A respeito de dinheiro,
Toma contas á creada!

Mariotto.

Diz uma folha que os alumnos d'uma escola d'esta cidade vão formar um gremio para n'elle realisarem conferencias e prelecções.

Isto é ovo gorado.

Arranjando o gremio desaparecem os conferentes; mas, quando por ventura estes appareçam, desaparecem os ouvintes.

Infallivel!

O *Progresso* diz do *Diario da Manhã*:

«A redacção encheu-se de frieiras. Não pôde escrever uma palavra. Vae-se á prosa d'um collega de Braga e corta-lhe linguados que lhe dá politica para alguns dias.»

Este bocadinho de prosa tem sido geralmente apreciado em todos os mercados de peixe do paiz.

Contam que em 1620 a auctoridade superior ordenou que qualquer bacharel que não satisfizesse as exigencias do cargo que occupava, voltasse para Coimbra, afim de se habilitar por mais tres annos.

Se essa medida estivesse hoje em vigor era necessario crear universidades até em Freixo de Espada á Cinta e bachareis haveria, que não estariam por lá tres annos, mas a vida inteira!



Disse um ministro hespanhol,
Com termos todos zangados,
Que dos pobres emigrados
Foi aqui a vida escura:
Dormiram em catre immundo,
Bateram de frio o queixo,
E que tambem, por desleixo
Lhes serviram brôa dura.

O nobre D. Carambola,
Contra nós ardendo em furia,
Faz uma injusta lamuria
Como outr'ora o gordo Sancho.
Permitta, nobre senhor,
Que lhe diga — os emigrados
Não tiveram bons bocados
Mas tiveram lauto rancho.

E essa forte comida
Não é má como a descreve,
Nem merece tão de leve
As suas tristes endechas.
Deve saber que o soldado
Do luso torrão valente,
Dá na vista a toda a gente
—Pela côr, pelas bochechas.

Colheu-se um tal resultado,
Que não lhe mer'ceu reparo,
Graças ao principe Caro,
Homem de medidas sabias;
E se o soldado hespanhol
Não gostou do passadio,
Se soffreu fomes e frio,
Foi só por causa das — *rabias*.

Um rancheiro.



Uma casa escolar que a junta de Santa Marinha em Villa Nova de Gaya mandou construir, está orçada em quatorze contos quatrocentos e cincoenta e quatro mil réis, real a mais, real a menos.

Os nossos rostos serenos
Criminam despezas taes.
Vai haver ensino a menos
Mas tambem ha casa a mais!

Dizem de Liverpool que o príncipe herdeiro da corôa portugueza visitou a bolsa d'aquella cidade, onde os negociantes e corretores lhe fizeram um acolhimento enthusiastico.

Um receio do demonio
Torna-me tristonho e afflicto :
Imaginar D. Antonio
Mais um emprestimosito !...



Diz a gente do progresso,
Em phrases de velha escola,
Que o paiz vae rebolando
Tal e qual como uma bola.

Ha n'este bello conceito
Toda a escola do lyrismo.
Vai o paiz feito bola
Rolando para o abysmo.

Pois que role muito embora,
Já agora que não tem cobro ;
Mas fosse a granja poder
Que a bola rolava o dobro !



S. em.^a o nuncio, monsenhor Vincenzo Vanutelli visitou ha dias esta cidade, a voo de milhafre. Pouco tempo por aqui pairou.

Viu o Seminario Diocesano, viu a escola de S. José, uma coisa boa com um fundador repugnantemente carolla, disse missa, deu o annel a beijar e partiu em seguida para Lisboa em commoda carruagem-coupé.

A proposito. Achou a cidade rica, tão rica que n'ella não encontrou miseria alguma. Pelo menos da sua algibeira recheada não nos consta que sahisses uns trocos, mesmo insignificantes, para distribuir pelos pobres.

Esmola para as necessidades do Padre Santo ! — seja o grito de todos os fieis. Amen.

O *Diario Popular* diz que anda a fazer a revista dos jornaes que defendem a traficancia da alfandega de Lisboa, e que não encontrou ainda quem se atreva a tanto.

Faziam, faziam,
Faziam barulho,
Se não receassem
O tal estadulho,
A lingua damnada,
O relles estylo,
Que tu D. Cyrillo
Lá tens no bandulho!

Vão partir para a Guiné, S. Thomé e Angola seis missionarios.

Desejamos bem do coração que lhes vão seguindo as pizadas todos esses reverendos que ahi andam augmentando o cachazo gorduroso por estas boas terras portuguezas.

Lemos algures que Bertholdo levou annos a procurar a arvore em que se havia de enforcar, e que nunca achou nenhuma a geito.

Pois a politica portugueza tambem anda n'estes ultimos tempos a procurar a arvore para esse fim tétrico, mas, ao avesso do Bertholdo, quem sabe se a encontrará ?

Ha velho rifão sincero
Que toda a gente respeita :
— *Quem mal fizer a cama*
Em má cama então se deita...

Sabem que se descobriu que o Limoeiro era uma cova de Caco ?

Pois é verdade. Isso já estava descoberto, mas descoberto officialmente só agora o foi.

Do que se encontrou lavrou-se um relatorio que ha dias foi presente ao ministro respectivo. Ergamos as mãos para pedir ao Senhor que conceda ao conselheiro da corôa alguns minutos para lêr essa exposição e alguns mezes para adoptar as providencias que o caso exigir.

Infelizmente parece-nos que nos será o ensejo de entoar aquella conhecida cantiga popular :

Pelo mar abaixo
Vae uma panella...
Se ella levou sopa
Isso é lá com ella.

O nuncio foi a Thomar visitar o sr. marquez de Thomar.

Diz alguém que elle foi a Thomar tomar ar. Nós estimamos bem que elle não tenha por cá os seus ares e tomares como o seu escorraçado collega o sr. Masella.

O outro naturalmente tocou a choco por trazer masella.

Oxalá que o sr. Vanutelli não traga falha.



Em Lisboa ha uma associação carolla intitulada — *Rosa Divina, odio aos homens.*

E' escusado dizer que n'ella só são admittidas femeas. Imaginem que collecção de cacatuas ali não se arranjará !

Lembra-me a D. Gertrudes
Da Conceição Madre Benta
Que foi sempre uma heroína
Dos quatorze até quarenta.

E quando por fim lhe veio
Esse mal—pés de gallinha
Teve horror então aos homens
A boa da mulhersinha.

Não porque ella não gostasse
Do amor fosse ou não puro,
Mas porque elles lhe chamavam
Um figo muito maduro.

Telegramma affectuoso,
De Paris batando a asa,
Diz com saude o Makoko
E' muito melhor o Brazza.

A saude do rei preto
Dá-lhe muito que seismar.
Traz o Makoko na engorda
P'ra depois o devorar.

Tem Brazza tal appetite
Tal ardôr estomacal,
Que até nos come os direitos
Cá do velho Portugal !

Pois se lá na Africa adusta
Nos come os valles e montes,
Mais valia que na Europa
Nos comesse o caro Fontes.

Portugal rejubilava
Com tal caso—sucedido.
Pois se o Brazza come muito
D'essa vez era o comido!

Cabrimon.



A chegada do Aguiar
Não foi feita sem barulho.
Houve na data e na hora
Enorme dóse de embrulho.

Uns dizem—chegou no sabbado.
Uns outros—na segunda feira ;
De maneira que a chegada
Já nos cheira a chuchadeira.

Pois cá nós n'esta embrulhada
Já sentimos arrelhas.
Oxalá que elle o chegado
Se chegue ás economias.

O sr. Jayme José Ribeiro de Carvalho, collaborador assiduo do *Diario Popular*, declarou ha dias que — *as cans se lhe teem feito brancas com os annos.*

Cyrillo aproveitou a declaração para dirigir uma picoinha ao rei e ao sr. Fontes. Inspirar-se o homem cuja penna vale um exercito, á custa do illustre auctor dos originaes opusculos é mostrar tambem que as cans da sua intelligencia se lhe vão tornando brancas.

Sentimos.

Á LUZ DA RIBALTA

A Princesa das Canarias

Tem diminuido sensivelmente entre nós o numero d'aquelles que, para se divertirem aos domingos iam chorar á noite para os theatros com os dramalhões de sarrabulho, e enxugavam o pranto nos camarotes, comendo castanhas, pasteis de grossa massa e indigesto recheio, tão indigesto e pesado como as tiradas cruéis dos tyrannos de scena. Esta sentimentalidade espessa e flatulenta bateram-a os maestrinos a golpes endiabrados de batuta, e os libretistas a faiscas scintillantes de graça, dando gebada n'aquelles que, tomando o mundo por um valle de lagrimas, se consi-

deram na obrigação de o augmentar, espremendo dos olhos o respectivo contingente.

Acabou a tragedia porque se extinguiu os assumptos; para os que preferem commover-se até ao soluço, ha o drama que é a mais elevada expressão da arte no theatro; e para os que intendem que é melhor sahir por um momento da atafôna das tristezas em que vivem, offerece-se-lhes a comedia fallada, e a que é avivada com musica expressiva. Para o numero d'estes, que decerto é grande, se creou a opereta.

Para estes fallamos hoje. E' claro que nos referimos á opereta comica, porque está geralmente acceite que não ha nada mais risivel do que uma zarzuella ou opereta séria, assim como não ha nada mais grotesco e caricato do que um drama ou tragedia armada em coplas.

Nem as zarzuelas nem as operetas ligeiras se escrevem para um areopago de professores preocupados com a musica *di camera*, de concerto ou com a grande arte classica, cuja critica tem de se fazer com a pitada nos dedos e a caixa do miolo encapuçada n'um solidéo. Este genero de composições não é tão pouco para uns certos *diletantti*, germanisados em tudo, para se darem feitiço e auctoridade, e que penetram com a maior sem cerimonia nas elevadas regiões do contra-ponto, d'onde jamais se dignaram descer. Esta musica está para a grande maioria do publico, como o folhetim-romance do jornal para a grande massa dos leitores; se conseguir deleitar, não importa porque meio e a despeito das regras estabelecidas pelos magnos sacerdotes, tem triumphado. O essencial é que o compositor arripie a partitura de phrases elegantes, de melodias sentidas; que o jocoso, o comico, contrastem com o serio; que o motivo apaixonado, dramatico, pathetico, destaque proximo do caricato e grotesco, porque esta promiscuidade corta a monotonia, agita e captiva o espectador.

Está n'este caso a «Princeza das Canarias», graciosa opereta buffa de Lecocq que no Principe Real foi bem recebida por um publico, se não hostil tambem não de todo angelicamente benevolo, por varios motivos que não véem para aqui.

Não raro os amigos das empresas, dos auctores ou traductores são os que acódem aos ensaios geraes e ás *prémiéres*, para depois fazerem apreciações cravejadas de alfinetinhos e recheiadas de insidiasinhas. Com a «Princeza das Canarias» deu-se agora um pouco isto; mas, como se diz «que dos inimigos o conselho», acceitaram-se todas as observações e censuras, fizeram-se as suppressões e

substituições apontadas; e a peça ficou perfeitamente viavel na segunda recita. Se se lhe cortasse tudo quanto queriam os amigos censores, acontecia-lhe como áquelle capitão que cahiu em poder dos ladrões:— não lhe ficava nada.

Lamberam os beiços com algumas comedias quasi pornographicas que ahí trouxe o Gymnasio; têm-se alambasado com as passagens cheias de peccado das operetas que ahí ouvimos, desde a Gran-Duqueza até á Mascotte; e só queriam talvez agora que o assumpto da «Princeza das Canarias» fôsse extrahido do Flos Sanctorum! Mas este veio ainda não foi explorado pelos libretistas; os espirituosos Chivot e Duru não quiseram ser os primeiros, e preferiram desenvolver um enredo que é perfeitamente comico, e que está conduzido com graça, supposto, bom Deus, não tenha as pretensões de substituir a leitura das Horas Mariannas.

Lecocq accentuou os repentes scintillantes da sua musa faceta e elegante n'esta sua composição, que as plasteias de Paris e Bruxellas, mimosas de quanto ha de bom no genero, consagraram em numerosas representações.

Para que a peça tivesse identica acceitação entre nós, combinaram-se esforços valiosissimos: José Candido, com o seu ouvido estreme, e seu filho Antonio Candido enrouqueceram ao piano e bracejaram valentemente no meio dos actores e coristas como salvadores no meio de uma multidão de naufragos que conseguiram levar á praia; Augusto Garraio, cheio da melhor vontade, com o gosto e pericia que o caracterizam, movimentou estatuas e imprimiu encantador relevo a todas as scenas; o *costumier* José Pinto, com um bazar de setins generosamente postos á disposição da sua thesoura festejada e feliz, avivou figurinos e compôz quadros do melhor effeito; o scenographo alegrou o palco com o seu pincel experimentado; e os actores principaes, sob as indicações preciosas de Garraio e José Candido venceram em geral galhardamente as difficuldades que se lhes antolhavam.

A traducção (os diabos nos levem, se não é esta a parte mais dura e desagradavel da nossa missão, hoje) a traducção reflecte o original; a traducção (esqueça-se o parentesco e a amizade) a traducção deu o que o libretto permittia, e tem graça.

Ha na peça tres ordens de papeis principaes que fôram igualmente bem desempenhados: os generaes Albatroz e Bombardão, militarões cheios de fanfarronada, bem comprehendidos por Dias e Cardoso; os estalajadeiros Inigo e Pedrito, maridos lamechas e apatacados, que Foito e

Wanmeyl reproduziram com chiste; e as suas esposas Pepita e Ignez, duas caras metades ladinas e aventurezas, typos em que se encarnaram encantadoramente Josepha e Thomasia, cantando já com mimo e languidez, já com brilho e vivacidade.

Somos forçados a fazer esta apreciação, assim aos pares como os frades, não só por falta de espaço, como tambem pela natureza dos personagens da peça, que sempre apparecem juntos, quasi nunca se despegam. Todos fizeram apreciavel *pendant*.

O principe Gusmão, o sargento Cleophas e a esposa Catharina são simples figuras decorativas no enredo da peça; mas a formosa e interessante actriz Belmira deu um princepesinho do trinque, em folha, adoravelmente ingenuo; França, com o segredo de caracterisação que possui, apresentou uma impagavel cabeça de sargento, e disse bem as as breves phrases do seu papel; e Emilia Eduarda communicou á sua pequena parte a viva graça natural de que é dotada.

Esta reputada artista, mercê da sua penetração, do seu espirito faiscante, da sua intenção artistica, tem a faculdade milagrosa de converter nadas em ouro. Sublinha, diz com tal inflexão, que um certo publico está sempre disposto a lançar veneno nas phrases mais innocentes que a talentosa actriz profere; tem um geito comico irresistivel que a torna entre nós incomparavel no joco-sério. A sua feição caracteristica e dominante é esta. A esposa Catharina que se mostra ciumenta do marido, para occultar a sua paixão pelo principe, não podia encontrar melhor interprete.

Os coros, concertados a primor; o guarda-roupa, inxcedivel; o conjunto da peça, excellente; a impressão geral no publico, magnifica; a apreciação dos jornaes, captivante.

A *Princeza das Canarias* subiu em condições de reinar, durante muito tempo.

ESPECTACULO PARA ÁMANHÃ

THEATRO BAQUET — Beneficio. *A Filha do Mar* — A's 8 horas.

THEATRO BAQUET — *Quarta feira 19 de dezembro*. Espectaculo-concerto organizado pelo mestre da Banda de Infanteria 18, Demetrio Mettilio. — A's 8 horas.

A MOSCA

SEMANARIO HUMORISTICO

Assignatura

Trimestre, 250 rs. — Semestre, 500 rs. — Anno, 1000 rs.

Numero avulso, 20 réis

Redacção e administração, rua do Mirante n.º 9 — Porto.

Typ. de Arthur & Irmão, S. Domingos, 74.